



OBERSTEIN.

O ducado de Oldenburgo é um pequeno estado encravado entre a Prússia e a Baviera, e atravessado pelo curso do rio Naha, que vai depois lançar-se no Reno.

Os escarpados rochedos, por entre os quaes o Naha se cava um difficil leito, formando variadas cascatinhas, parecem apertar entre si a cidade de Oberstein.

VOL. II. — 4.^a SERIE.

Está ella situada no alto da vertente, sobranceira ao rio, e não tem mais do que uma rua. Sua velha casaria encosta-se ás rochas, e banha as bases nas aguas do rio, que correndo placido n'este sitio, reflecte as margens no seu liquido espelho.

Duas montanhas coroadas de castellos já arruinados dominam estas antigas habitações al-
JUNHO, 12, 1858.

mãs. Um dos referidos castellos ainda se conserva em soffrivel estado; porém o outro está completamente abandonado, e apresenta hoje uma torre derrocada, coberta de hera.

Sob estas ruínas, n'uma caverna formada pela montanha, está edificada, semelhante ao ninho de andorinhas, uma pequenina igreja gothica, tendo avançado do rochedo unicamente o campanario. Para chegar a este santuario é mister subir muitos degraus, que conduzem a uma galeria descoberta. A entrada na igreja é por uma porta ogival; um dos lados d'esta é formado pelo panno da caverna. Ainda ahi se conservam curiosas vidraças recordando os desenhos de Alberto Durer. Nas sepulturas senhoriaes vêem-se esculpturas de bom relevo.

D'esta igreja gosa-se excellento ponto de vista sobre o paiz tão accidentado do ducado de Oldenburgo, podendo seguir-se o curso sinuoso do Naha.

Ouve-se ahi, n'essas casas que ficam no plano inferior, o som do trabalho dos habéis artistas que affeiçoam de mil variadas formas as agathas que o paiz fornece com tão inesgotavel riqueza, e d'ali se espalham pela Europa.

D. JOÃO DE CASTRO HISTORIADOR.

Relação do cerco de Diu, e da batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya extrahida de uma carta inedita de D. João de Castro a el-rei D. João III, escripta em Diu aos 16 de Dezembro de 1546.

Continuação.

« A dezenove de Julho me derão uma carta de D. João Mascarenhas pedindo-me que o mandasse socorrer com gente, por caso de o terem muito apertado as gentes de El-Rey de Cambaya: os quaes lhe tinham já derribado hum baluarte chamado S. João, e cega a artilharia e travezes do baluarte São Thomé seu respondente; e assim tinham feito quatro estradas cubertas muy largas que hião sahir á cava para por ellas a entulharem. El-Rey de Cambaya já em pessoa estivera onze dias dentro da cidade; fazendo-me mais saber como dia de São João fôra morto Coge Çofar de hum tiro perdido que acaso se tirou da fortaleza que foy uma das mayores boas venturas que a esta terra podião vir.

Esta carta foi feita a dois de Junho, e mandou-a por mar a Baçaim. D. Jeronimo m'a mandou por um Patamar.

Como isto soube em espaço de cinco dias fiz prestes vinte seis fustas e catures com obra de quinhentos lascarins arcabuzeiros, a mais escolhida gente de toda a India e os mandei pela barra fora até vinte e tres de Julho caminho de Diu; e porque era cousa estranha e nova e até

agora não vista nem praticada haver-se de navegar esta Costa no mez de Julho que é o coração do inverno, e por esta causa estava certo de se recusar a gente de se querer embarcar, pareceo-me justo e necessario mandar por capitão-mór desta armada D. Alvaro meu filho, porque não sómente por esta via obrigava os homens a quererem hir, mas ainda os pinhorava a todos, a se offerecerem a fazer esta jornada de boa vontade, e hera hum meio muito honesto para não acceitar escusa nenhuma; e tão bem com mandar meu filho lhes mettia em cabeça não serem os trabalhos tamanhos como se pintavão, nem os tempos tão feios que seguramente se não podesse navegar esta Costa; por que não hera de crer que eu aventurasse D. Alvaro a perigos evidentes contra toda a razão, e opinião commum, em tempos innavegaveis, e em que jamais se virão lavrar e caminhar estes mares, salvo sabendo algum segredo da arte para o fazer seguramente; e com isto não podem dizer que ponho de má vontade em perigo os filhos alheios por serviço de V. A. tirando a fora os meus já que eu pessoalmente não posso entrar e acudir a todos.

Desta maneira partiu elle até vinte tres de Julho, e lhe deu Nosso Senhor tão bom tempo que aos vinte e sete entrou em Chaul, o que foy tido em toda a India por milagre.

« Os capitães dos navios que forão com elle são D. João de Athaide que não sei palavras com que o possa gabar a V. A. salvo dizer-lhe que é bom irmão de D. Luiz Manoel de Souza: Pedro de Athaide, Balthazar da Silva, Nuno Pereira, Melchior Moniz, D. Antonio de Monroy, D. Duarte d'Eça, Lopo Vaz Coutinho, Antonio de Sá, Francisco Tavares, Duarte Pereira, Athanasio Freire, Miguel Rodrigues, Balthazar da Costa, Manoel Araujo, Diogo Fernandes, Lopo de Faria, Balthazar Lobato, Melchior Pinheiro, Pedro Gonçalves, Francisco de Barros, Jorge Pires, Antonio Moniz, Jeronymo Rodrigues e os filhos do chanceller Francisco Boscano, o qual comprou huma fusta, e a aparelhou com muitos homens mandando nella dois filhos que tem: parece-me que se mais tivera mais mandara, por que não sómente se contenta em servir a V. A. com fazer justiça e dar muito boas sentenças, mas com os filhos, e com a fazenda.

Foy este soccorro a cousa do mundo de que mais se espantarão os mouros, assim pela brevidade com que o mandei, como pelo tempo em que foy, no qual não ha memoria de homens de tal navegação nesta Costa; e acabarão de crer que tudo o que commettessemos levariamos avante; foy este hum freio muy necessario para todos os Reys e Senhores da India, porque nos ameaçavão sempre, com poderem cercar as nossas fortalezas no inverno, onde cuidavão que lhes poderião fazer muito damno por causa de as não podermos socorrer, e navegar estes mares.

« Antes desse soccorro tinha já provido no

mez de Julho, e mandado a D. Jeronimo que fizesse prestes passante de cem homens para no fim de Julho sahirem-incorporar na fortaleza de Diu; posto que tivesse muito boas novas do cerco e lhe affirmassem ser levantado: mas sabendo que durava e se batia a fortaleza, que em tal caso mandasse toda a gente que pudesse e com ella D. Francisco de Menezes, seu irmão, a quem eu escrevi encarregando-lhe muito que por serviço de V. A. quizesse fazer esta jornada; e assim escrevi a Antonio de Souza, capitão de Chaul, e aos moradores e cidadãos appercebendo-os para neste mesmo tempo estarem prestes para, em companhia de D. Alvaro, hirem soccorrer a fortaleza, o que elles fizeram com tanta vontade de servirem a V. A. que não sinto mercês com que se possam satisfazer.

Chegado D. Alvaro a Chaul a vinte e sete de Julho esperou hum dia e meio pela armada que vinha espalhada, e tanto que a ajuntou sahio pela barra fora a vinte e nove, e com elles todos os casados de Chaul, os quaes tanto que elle chegou áquelle porto, armarão suas fustas, e com a maior brevidade do mundo, e grandes gastos de suas fazendas o seguirão; a saber: Pedro Lopes d'Aguiar, João Nunes Homem, Jacome de Couto, Antonio Fernandes, João Garcez, Gaspar Lopes, Simão Fernandes Ramalho, Fernão Dias, Domingos Fernandes, Ruy Fernandes que foy feitor em Chaul, Alvaro de Almada, Gonçalo Gomes, e Antonio Dias.

E sendo já D. Alvaro em meyo do golfão com toda esta companhia lhe deu tamanho temporal de vento a oesnoroste que arribou á Ilha das Vacas quasi perdido com toda a armada, e se encontrou n'esta Ilha com D. Francisco de Menezes que sahira de Baçaim com uma armada de quinze fustas para hir soccorrer a Diu, assim como eu lh'o tinha mandado no inverno, e logo ambos se ajuntarão, e tornarão a commetter o golfão, e sendo entrados por elle bom pedaço dentro, lhes tornou a dar outro tempo muito maior que o primeiro; de sorte que com grande trabalho poderão arribar com perda de duas fustas, e com toda a armada aberta e desapparelhada; destas duas fustas de uma d'ellas se salvou a gente por pelejarem bem e se sustentarem na praia até D. Alvaro lhe poder acudir, e a da outra fusta se entregou aos mouros não lhes podendo resistir, e está captiva em poder do Bramaluco.

Passada esta fortuna tornarão outra vez D. Alvaro e D. Francisco de Menezes a commetter o mar e encontrarão huma não de Goge Çofar que vinha de Meca muito rica, e sendo quasi navegados lhes tornou a dar outro tempo muito maior que os passados e tornarão a arribar salvando-se milagrosamente, e já a este tempo se lhes desarmarão as armadas porque os lascars enfadados do mar, e da má vida, que passavão com as muitas chuvas e frio lhes fugirão todos.

Neste comenos entrou Antonio Moniz, filho

de Henrique Moniz, e Garcia Rodrigues de Tavora, filho de Christovão de Tavora, em uma galveta com oito ou nove homens e determinarão de morrerem ou entrarem em Diu, e aventurando-se ao caminho, hindo mais tempo por baixo do mar do que por cima entrarão na fortaleza, e derão nova como D. Alvaro ficara no golfão com uma armada de cincoenta e cinco fustas, o que deu grande esforço aos nossos por que em este tempo estavam em extrema necessidade, e esperava-se a cada dia que os entrassem os mouros: foi este o feito mais notavel que fizeram dois mancebos e por elle merecem muita mercê de V. A.

Passado este terceiro temporal tornarão D. Alvaro e D. Francisco á sua porfia, e desta quarta vez aprouve a Nosso Senhor de os levar a Diu a vinte e cinco de Agosto postoque com grandissimo trabalho pois de suas armadas os acompanharão somente dezeseis fustas porque no outono, humas por não poderem, outras por não quererem, arribarão, e não tiverão parte com elles. Os capitães que os acompanharão são estes senhores: D. Duarte de Menezes, D. João de Athaide filho de D. Antonio de Athaide, Nuno Pereira, Balthasar da Silva, Duarte Pereira, D. Antonio de Monroy e Antonio de Valladares, filho do chanceller Francisco Guilherme, Diogo Fernandes, Pedro Gonçalves, João Rodrigues Correia, Alvaro de Almada, Miguel da Cunha, Lopo de Sousa, D. Jorge de Menezes, Jorge da Silva, D. João de Abranches, D. Duarte de Eça, Fernão de Sousa, Antonio Martins, e Luiz de Mello em huma galveta. Os que não quizerão chegar a Diu me pareceu bem callar; tomando exemplo da Sagrada Escripura que sempre nos põe na boca os nomes dos bons, dissimula e calla o nome dos máos.

Parece-me que se tardára mais D. Alvaro seis dias se perdera a fortaleza sem nenhum remedio: donde nasceo hum proverbio em toda a India dizendo que *D. João Mascarenhas defendera Diu, e D. Alvaro a salvou*: porque a maneira em que a achou fez grande piedade, e era para vêr: que os muros e baluartes herão todos arrazados com o chão, e as cavas entupidas, sem haver signal donde forão; a gente quasi toda morta, e a que ficara, ferida e doente. Entre os quaes mortos acharão D. Fernando meu filho, o qual morreu com toda a nobreza que estava em Diu: desta maneira: tinhão os mouros minado o baluarte São Thiago, e huma parte do muro e por esta banda punhão toda a sua força de entrar na fortaleza; pelo que como lugar mais perigoso, acudia D. Fernando á guarda delle, com toda a mancebia e gente nobre que na fortaleza estava; ora fazendo os mouros a mostra de dar hum combate dia de São Thiago acudiu D. Fernando á guarda e defensão do baluarte, e muro como costumava: e estando de cima defendendo a entrada aos de fóra, derão fogo ás minas, e fizeram revoar o baluarte, e muro, aonde morreu elle, e toda a principal gente que no

baluarte estava. Dizem que D. João entendera o engano, e o mandára avisar, mas que por maldade de hum homem que ahi estava, a quem eu tinha feito muito bem, e havido muita mercê de V. A., se deixarão de retirar, e acontecerá, esta desventura, que de todo o ponto houvera de fazer perder a fortaleza.

O que até esse tempo fez D. Fernando deixo de dizer a V. A. porque não pôde ser que homens sejam tão máos que algum delles não tenha cuidado de dizer a V. A. os serviços e grandes trabalhos que passam meus filhos pelo servir; pois eu estive e estou sempre tão prompto para apresentar a V. A. todos aquelles que lhe fazem os alheios.

Continua.

CORINDON.

E uma pedra preciosa muito dura, e composta de allumina quasi pura.

Tem differentes nomes, segundo as côres que apresenta.

Amarella, tem o nome de *topazio oriental*:

Azul, chama-se-lhe *saphyra*:

Encarnada, denomina-se *rubi oriental*:

Violete, chama-se-lhe *amethysta oriental*:

Verde, tem nome de *esmeralda oriental*.

Algumas vezes se nota, sobre o plano perpendicular ao eixo do cristal, uma estrella esbranquiçada, de seis raios, que caem sobre o meio de cada um dos lados do prisma hexagono. A isto chamam os lapidarios *asteria*.

As variedades grosseiras d'esta gemma reduzem-se a pó, e servem com o nome de *esmeril* para talhar e polir os corpos duros.

QUEM O ALHEIO VESTE, NA PRAÇA O DESPE.

Corria o mez de Janeiro de 1421.

N'uma miseravel casa do arrabalde de Sagres, que o infante D. Henrique, heroico filho do não menos heroico monarcha D. João I, havia pouco fundara, estavam reunidas tres mulheres, e tiavam silenciosamente á vacillante luz de algumas pinhas que ardião na lareira, derramando simultaneamente luz e calor n'aquella pobre mansão.....

Era bello tempo aquelle para as glórias de Portugal, epoca grandiosa, que tarde volverá semelhante! Fadara a mão de Deus aquelle seculo xv para nascimento de heroes, e ininterrompida successão de grandiosos feitos! Um rei cavalheiroso, elevado ao throno pelos votos do povo, cumpria a grande missão de engrandecer a patria; e seus filhos distinguiam-se por proesas, cada qual mais gentil e digna de figurar nas pa-

ginas da historia; primando entre todos, o sempre memorado infante D. Henrique.

Os moiros estavam então expulsos para além do Mediterraneo; e Portugal que sentia já faltar-lhe terra por onde se estender; que nos braços lhe pesavam as armas, faltas de inimigos a quem ferir; que no ardor da christandade ambicionava novos povos por onde derramar a luz do evangelho; e que no estudo das mathematicas antevia novos mundos, e novas gentes, espriava olhos exploradores pelos mares que o banham, sonhando além d'elles remotas balisas ao seu imperio.

Foi então que appareceram quasi simultaneamente Gil Eanes, que dobrou o temeroso cabo Bojador; Cintra, que conquistou as ilhas de Arguim; João Gonçalves Zarco, e Tristão da Cunha, exploradores dos mares d'Africa; Diniz Fernandes, o primeiro que ousou subir o rio Senegal; Nuno, que morreu combatendo os negros de Cabo-Verde; e Gonçalo Velho, que descobriu os Açores!

Erga-se ahi outra nação, que n'essa epoca nos venha disputar glorias, e vencer em primasias de ter produzido ao mesmo tempo maior numero de navegadores celebres!

Para melhor dirigir estas expedições maritimas, largara o infante D. Henrique, terceiro filho do monarcha, as folganças e grandezas do paço real, trocando a aprasivel côrte pelas agras penedias do Cabo de S. Vicente, e fixara a sua residencia no castello de Terça-Nabal, no promontorio de Sagres, a trinta e duas leguas a oeste de Lisboa. D'ahi se lhe iam os olhos acompanhando pelo mar fora as caravelas que por sua indicação seguiam rotas não trilhadas, mas que escudadas pelos votos d'este excelso amor da patria, voltavam sempre com a feliz nova de uma venturosa descoberta.

Se antes de entrar no pequeno conto que vamos narrar, e para o conhecimento do qual nos foi necessario este resumo historico, aqui podemos fazer um voto de leal coração portuguez, assentamol-o sem lisonja, esperançoso para a patria, e sincero para a dynastia que hoje occupa o throno. A marinha portugueza conta agora em si um principe não menos intrepido e estudioso que D. Henrique, tanto ou mais apaixonado como elle pelas glorias e engrandecimento da patria: oxalá que a historia um dia falle do senhor infante D. Luiz, como ergue altiva o nome do terceiro filho d'el-rei D. João I.

II

No relógio do paço do infante soavam as nove horas, no momento em que começamos o nosso conto, e o som do bronze, repetido pelas sinuosidades da serra, chegou aos ouvidos das tres mulheres que silenciosamente seroavam, e foi extinguir-se na amplidão do espaço que cobre as aguas do Oceano.

Aquellas badaladas foram contadas pausada-

mente pela mais edosa das tres, que havia tempos se costumara, dia por dia, a esta mesma hora, a evocar do coração uma prece, e do intimo do peito saudosas lagrimas, quando o tempo, no seu giro veloz para quem gosa, e tardio para quem soffre, marcava este praso fatal.

N'esta occasião, mais do que em outra alguma, aquelle som do bronze sobresaltou-a, e erguendo-se commovida, disse para as duas que a acompanhavam :

— Minhas filhas ! ha quatro annos, que a esta mesma hora, João d'Amores, vosso pae, nos deixou para embarcar... Longo tempo lhe temos esperado a volta ; hoje, porém, a esperança parece baldada... agora só podemos ter confiança na misericordia de Deus !... morreu de certo tragado pelas ondas, sem sepultura onde possamos verter nossas lagrimas ; ou se escapou ao perfido elemento que a mão omnipotente lançou em redor das terras para refrear a ambição dos homens, foi dar termo n'alguma longinqua praia, privado das consolações e carinho da familia, e dos soccorros da religião. Rezemos, pois, minhas filhas, pela salvação da sua alma !

E aquellas tres martyres do affecto de esposa e de filhas, ali mesmo ajoelhadas, elevaram até Deus os contristados corações, soltando dos labios a fervorosa prece, que o anjo das misericordias recolheu para a depor ante o throno do Altissimo.

E no momento em que ellas rezavam a ultima palavra de suas orações, a porta se abriu com fragor ; um vulto appareceu no limiar embrulhado n'um farragoulo branco, encoberto o rosto com um largo capuz : e uma rajada de vento que penetrou na casa, foi apagar a chamma que as pinhas lançavam, extinguindo assim a unica claridade que allumiava aquella scena.

— É a alma de teu pae, disse a mãe ás duas filhas, que nos vem pedir sepultura ao seu corpo !

— Graças a Deus, mulher, que ainda sou vivo !

Não bem pronunciadas eram estas palavras quando o recémchegado, e as tres de casa, estreitando-se reciprocamente nos braços, formaram um d'esses tocantes e graciosos grupos, cuja verdade o cinzel nunca terá força de reproduzir.

D'um lado, a alegria inesperada cortava as fallas, e substituia a linguagem por vehementes soluços, que provocavam lagrimas de enternecimento ; e pelo outro a ventura de se achar no seio de sua familia, quebrava a João d'Amores aquella energia que nunca o abandonara nos maiores transe, para dar logar a phrases entrecortadas e sem sequencia ; tanto é certo que o prazer, ainda esperado, enlouquece !

No meio da escuridão que os cercava não se viam com os olhos do corpo, mas reviam-se com os da alma, e sentiam-se pelo coração, que lhes pulsava de encontro uns ao peito dos outros. Eram doces aquellas lagrimas que ora se confundiam, tendo até ali manado isoladas e amargas : eram affectuosos aquelles abraços que es-

treitamente grupavam affectos de filhas, de esposos, e de paes : e eram suaves aquelles soluços, linguagem da alegria que vozes humanas não sabem traduzir.

Passada a primeira effusão, João d'Amores disse para sua mulher :

— Vamos, Maria, sopra aquellas pinhas ; venha a luz do meu lar, porque tantos annos tenho suspirado, allumiar o rosto de minhas filhas ; quero ver se estão anjos, como até hoje as sonhei ; quero adorar nas pallidas faces do teu rosto os vestigios d'esses amores que tão feliz me deram a vida aqui, n'esta tão saudosa patria ! Vamos, mulher, quero abraçar-vos a todas á suave claridade d'essa luz, que ao cabo de tamanhos padecimentos vae ser para mim a luz do ceo !

E sua filha mais nova correu a soprar a chamma, que, tomando consistencia, allumiou a scena.

Novos abraços saudaram a appareição d'aquella luz.

— Esperavamos nunca mais tornar a ver-te, lhe disse sua filha mais velha.

— Agora mesmo acabavamos de rezar por ti, João, lhe disse sua mulher.

— Se souberas, pae, accrescentou a mais nova, com que apertos de coração voltavamos a noite para casa, depois de termos passado o dia inteiro sentadas á beira do mar, espraçando os olhos por aquella immensidade d'aguas, perguntando ás ondas noticias tuas, e supplicando ao ceo te restituísse aos nossos carinhos !

— Mas como estás mudado, João ! como a desesperação tem cavado fundo as tuas faces, e amortecido os teus olhos ! D'onde vens ?

— De Marrocos.

— Captivo ?!

— Sim, captivo. Deixemos porém hoje essas lembranças crueis, para só tratarmos da alegria de estarmos reunidos. Amanhã contarei tudo.

Continua.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

v.

Do que tive com o capitão maior em 20 de Março, e de como levantou a voz d'el-rei nosso senhor D. João IV.

N'este dia, vendo eu o perigo e risco em que estava a ilha, e todos nós com ella, pela tardança do aviso que tinhamos mandado, e poder amanhecer soccorro de Castella, e, como a voz estava por el-rei Philippe, saltarem em terra de paz pacifica, e depois de o estarem n'ella pagarmos todos, e mais particularmente os que já somos tidos e havidos por portuguezes : *A mim me parece* (disse ao capitão maior) *que já é tempo de vossa mercê desencantar este povo, accla-*

mando a voz d'el-rei. E depois d'algumas razões que tivemos, a que eu lhe satisfiz, se deliberou, que cedo o faria, e que me lembrava lhe tinha eu promettido pôr com elle os da villa de S. Sebastião, e se me parecia me fosse para lá, e que elle me avisaria em tendo levantado a voz, para lá se levantar. E com isto nos despedimos, e me parti para a villa a 21 de Março, onde estive dispondo os animos para o que succedesse, os quaes sempre achei bem affectos, e desejosos de que já se acclamasse.

Partido eu para a villa de S. Sebastião, procurou o capitão mór reduzir ao governador, a que entregasse o castello, por via do prior da Graça, que era seu confessor, promettendo-lhe da parte de sua magestade o titulo de conde, com doze mil cruzados de renda, e ao dito prior, pela boa negociação, o bispado de Angra: o qual por fins da semana de Lazaro se foi ao castello, e tratou tudo com o dito governador, o qual mostrando-se bem affecto o ensacou de todo, e por maior dissimulação lhe disse: Padre, o meu tenente e alferes são pessoas graves; tambem se lhes hade fazer mercê, porque de outro modo não me está bem. E parecendo-lhe ao santo prior que tinha negociado, lhe disse: Pois senhor eu me irei informar das pessoas que por parte do capitão maior me fallaram, e saberá vossa mercê, que o capitão maior por uma sua carta me promette o bispado de Angra, que eu a vossa mercê quero dever, entregando o castello, e por esse effeito eu em propria pessoa irei á Praia. A que o governador tornou: Pois vá-se na boa hora, e negocie com todos esses senhores, que lhe fallaram; e amanhã, Deus querendo, vir-me-ha mostrar a carta que lhe escreveu, e eu terei tambem escripto outra que vossa paternidade levará, para que as coisas se façam com clareza. O prior se foi, e ao outro dia vendo o governador que tardava o mandou chamar, e que levasse as cartas e papeis que tinha, o que elle fez, entre as quaes levou cartas de Estevam da Silveira, e outras pessoas, que sobre a materia escreviam ao capitão maior, as quaes todas o governador leu em sua presença, e depois de lhe dizer que tudo estava muito bem, lhe disse que era necessario autoar-se aquillo, para fazer mais fé; e logo mandou chamar o seu escrivão, e lhe mostrou as cartas, e lhe perguntou se eram aquellas cartas e papeis as que lhe tinha dado, e d'aquellas pessoas que dizia: e dito que sim, mandou ao escrivão tudo autoasse, e ao prior mandou levar preso a casa do capellão maior.

Logo por um official do castello mandou o governador chamar Estevam da Silveira Borges, que lhe fizesse mercê dar-lhe uma palavra, que cumpria ao serviço de sua magestade. E sendo avisado por amigos que não fosse, foi tão confiado, que não quiz senão ir, levando consigo Pedro de Carvalhal, por alcunha o galego, e ambos lá ficaram presos, e todos tres morreram no tempo que durou o cerco.

Domingo de Ramos 24 de Março de 1641. depois da missa do dia, levantou o dito capitão maior Francisco de Ornellas da Camara a feliz voz d'el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde, saindo com solemne procissão da matriz da dita villa, em que se acharam todos os clérigos e nobreza da villa, e a comunidade do nosso convento. Com a festa e solemidade costumada em semelhantes actos o foi acclamando pelas ruas e logares publicos da dita villa, o que a todos os portuguezes foi de grande prazer e alegria, por ouvirem já publico a voz da sua liberdade e que tantos dias havia desejavam.

Logo deprecoou a camara da cidade, dando-lhe conta de como tinha levantado a voz de sua magestade, requerendo-lhe de sua parte fizessem o mesmo, o que elles não fizeram; e por serem varios os pareceres entre a nobreza não se tomou resolução, antes se disse estranhavam ao dito capitão haver levantado a voz. E temendo o castello se acostayam mais aos castelhanos; e assim andavam os nobres divisos, e o povo inquieto, até que Deus acudiu.

VI.

Do motivo que houve para se acclamar a voz d'el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde.

Como os portuguezes, particularmente a gente popular, andassem alterados por verem a voz d'el-rei acclamada na Praia ao domingo de Ramos, e os nobres da cidade não acabassem de se deliberar em a levantar, faziam corrilhos e murmuravam, e a seu modo a levantavam e seguiam, como podiam; o que era causa de se picarem com os castelhanos; e a segunda ou terça feira á noite resolveram-se quatro mancebos tanoeiros, todos irmãos, por alcunha os *minhas terras*, e outros mais, e dizem que fomentados ou acompanhados por Antonio do Canto, esperaram a ronda dos castelhanos, e travaram com elles briga, e os maltrataram e enxovalharam, tomando-lhes um pique. Em amanhecendo se deu conta ao governador, que se deliberou em os mandar prender, mas elles se acolheram para a Praia, e se offereceram ao capitão maior para militarem debaixo de sua bandeira, e terem com elle a dita voz até morrerem.

Antonio do Canto se foi a quarta feira passear á praça, onde o avisaram como o castelhano o mandava prender, e que se pozesse em cobro, o que elle não quiz fazer. E vendo vir muitos castelhanos se recolheu dentro do nosso corpo da guarda, que já n'este tempo se fazia na praça, e dois castelhanos dos mais alentados foram ter com o capitão Jeronymo da Fonseca, que estava de guarda, pedir-lhe licença para o prenderem de mandado do governador, ao que elle respondeu não podia fazer sem dar conta ao seu capitão maior, que houvessem por bem irem todos fallar com elle, que quando o mandasse o

deixaria levar; o que lhes pareceu bem, e, indo entre elles, foram caminhando, e logo se rompeu voz, por ante os portuguezes que ali estavam, que o capitão ia preso; e, acudindo, começaram a acclamar a voz d'el-rei D. João, que Deus guarde, e que os castelhanos morressem. Entre elles se travou briga, de modo que logo ficou um dos castelhanos morto, e outros feridos, e dos nossos ficou com um braço passado de um pelouro de pistola o alferes Manuel Gonçalves Carvão, e Matheus Cardoso de Azevedo passado pelo pescoço com uma espada. Logo se tocou rebate, e os castelhanos das postas se foram acolhendo para cima, e a voz se foi continuando, e o povo e companhias ajuntando, sendo o primeiro homem nobre, que na praça, puxando a espada, em voz alta disse: *viva el-rei D. João IV*, Jeronymo Fernandes Coelho, capitão que era d'uma companhia, e fidalgo de sua casa. N'isto se veiu chegando a noite, e fazendo ave-marias, tempo em que o castelhano começou a disparar a artilharia contra a cidade. E os portuguezes começaram a marchar para cima, tomando-lhes as boccas das ruas, e os fizeram recolher ao quartel, aonde está a sua ermida de nossa Senhora da Boa-nova, em que se fizeram fortes, e assim ficou a voz d'el-rei nosso senhor acclamada, e a cidade livre.

VII.

De como se continuou a guerra com os castelhanos.

Chegados os nossos com o capitão maior da jurisdicção da Praia a quinta feira de endoenças á cidade, apertaram com os castelhanos que na Boa-nova estavam fortificados, de modo que com perda de alguns e muitos feridos lhes fizeram dar as costas, e recolher para o castello, ficando senhores da ermida e posto, sendo o que n'isto mais se avantajou e primeiro a ganhou, o capitão Belchior Machado de Lemos.

Na mesma quinta feira pela manhã, foram alguns dos nossos sobre o castello de S. Sebastião, para o entrarem por assalto, e á força, mas o cabo que n'elle estava com vinte e tantos soldados lhe defendeu a entrada valorosamente. Mas os nossos, sem embargo de serem poucos, não deixaram a empresa, até que a horas de vespera, saindo o capitão da Ribeirinha Manuel Jacques com a sua companhia da posta em que tinha estado, pedindo aos seus, que sem embargo de virem cansados, o quizessem ajudar a render aquelle castello, o que fizeram; e postos em ordem com os que lá estavam, se deliberou accommetter a porta com machados, ao que o castelhano com todos os seus acudiu para o defender. N'este tempo appareceu sobre o muro um portuguez, e disse aos nossos que entrassem pela casa-mata, por quanto n'ella não estava ninguem; e fazendo que commettiam a porta, botaram uma escada á casa-mata, e por ella su-

biu o capitão e mais soldados, com que o castello ficou rendido, e o cabo, mal ferido, captivo com alguns castelhanos que com elle fizeram resistencia, tendo-se os mais acolhido para a plataforma, e d'ali botando-se a nado se passaram para o castello S. Philippe. E o nosso capitão ficou senhor do castello, em que residiu por algum tempo, pelo haver rendido, merecedor assim por esta sorte, como pelo bem que serviu em todo o tempo do cerco, de sua magestade lhe fazer muitas mercês.

No primeiro dia d'esta guerra, que foi a quarta feira, aconteceu um caso notavel, que se teve por miraculoso, que a muitos animou divulgando-o por todos. E foi, que faltando polvora para os soldados, e procurando o capitão maior as chaves da casa d'ella, para a mandar tirar, e mandando-as buscar a casa do capitão Christovam de Lemos, que de almoxarife servia, e não havendo quem d'ellas desse noticia, por elle estar no castello, disse um menino, que as chaves da ermida de nossa Senhora da Saude, que perto estava da dita casa, estavam mettidas na porta; que poderia ser servissem; as quaes logo foi buscar um padre da companhia, e mettendo a chave da porta da Senhora em uma das fechaduras a abriu, e o mesmo fez a outra, sendo as guardas differentes, e ficando ambas as portas abertas não serviu para fechar nenhuma d'ellas: e se tirou a polvora que era necessaria, e a nobreza começou a acudir, e á quinta feira de todo se declararam por portuguezes, excepto alguns que por se temerem do povo não quizeram apparecer.

N'este mesmo dia de quinta feira e sexta se fez conselho de guerra, escolhendo para elle as pessoas que mais idoneas pareceram, que no fim d'esta relação apontarei; com todos os mais que no serviço de sua magestade mais se avantajaram; e se poz corpo de guarda em a praça, onde o capitão da Praia por então estava alojado, e cada vinte e quatro horas saiam as companhias necessarias para as estancias e trincheiras que se fizeram, da rocha que fica acima do Portinho-novo, correndo pela ultima rua do quartel, descendo pela de S. Pedro ao longo das hortas, até ir dar no mar e portinho do Fanal, d'onde os nossos estavam com os castelhanos em uma continua bateria, offendendo-os n'estes primeiros principios mais do que elles a nós.

Em 31 de Março se ajuntaram os capitães mores, e os da ordenança acompanhados de toda a nobreza da cidade, e da nossa comunidade e da dos padres de Santo Agostinho, na santa Sé do Salvador; e postos em ordem, saíram d'ella com a solemnidade em semelhantes actos acostumada, e tomando em suas mãos a bandeira real (como é costume) o capitão mór da cidade João de Bettencourt, acclamou a voz de sua magestade D. João IV, que Deus guarde, em os logares publicos e acostumados; a que todas as comunidades, clérigos, e seculares

respondiam com grande alegria, indo sempre antes de-se levantar a voz cantando muitos motetes, e cançonetas, que faziam o dia e cidade mais alegre, cuidando todos d'antes fosse de muita tristeza, pela destruição e mortes que imaginavam que o castelhano faria em a cidade, com sua artilharia; e permittiu Deus, que não fez coisa de consideração.

Continua.

À Ex.^{ma} SENHORA D. M. R. C.

Vae dizer minha trova tão singela
Fraco esforço da pobre inspiração,
Quanto a musa inspirada da donzella
Lhe abalou de entusiasmo o coração!

Ouvindo o canto inspirado,
Que a tua musa dictou,
O peito sobresaltado
Intimamente bradou:
«Oh! salvè, salvè, donzella,
Que n'essa estrada tão bella
Caminhas com tal primor,
Não te acovarde a carreira,
Que das flores a primeira
É da poesia a flor!

Como encanta a tua estrella,
Que de mysterios que diz!
Fulge d'um estro inspirado,
Que tão novo é tão feliz!...
Que de scentelhas que lança!...
Uma estrella é de bonança...
Traz em cada raio a esp'rança...
E a mim tornou-me infeliz!

Que da tua estrella o lume,
E do teu estro o perfume
Fascina, queima, seduz...
Que mais dizer posso agora.
Virgem pura em teu louvor?
Se o teu fogo me devora.
Se me devora este amor!...

Desculpa, donzella — desculpa indulgente,
Quem sabe hoje apenas de amores fallar,
Quem soffre e não pede mesmo uma esp'rança,
Quem d'alma os extremos não soube calar.
1852.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A moral (diz um sabio escriptor) se corrompe, quando a honra se põe em contradicção com as honras: quando o mesmo homem pode ser ao mesmo tempo coberto de dignidades, e de infamia.

A VIOLETA.

Esta simples flor, symbolo da modestia, e nuncia da primavera, é geralmente conhecida, e raro é o poeta que a não tenha celebrado nos seus cantares.

Este genero comprehende grande numero de especies, mas a que especialmente se nota é a *violeta odorifera*. Occulta na herva, logo o seu perfume a denuncia. Tem a corolla d'um formoso azul violete; d'ahi lhe proveiu o nome. Tambem as ha brancas.

Não tem tige; logo da raiz partem as folhas e as flores.

Sabido é tambem que ella cresce natural e espontaneamente nos prados, e bosques. Pela cultura sae dobrada, e por este meio egualmente se obtem notaveis variedades.

Gosta da sombra, e da fresquidão, e parece occultar-se para desafiár o encanto de quem a colhe.

Todas as suas partes estão em uso na medicina: as sementes são purgativas; peitoraes, e excellentes para dulcificar a tosse secca, e a expectoração nas constipações. As folhas e raizes são emolientes. As flores são refrescantes; e faz-se d'ellas um xarope mui peitoral, e que para o chymico é um poderoso reactivo. Este xarope, misturado com agua, faz conhecer a presença d'um alcali, ou d'um acido. O alcali torna-o verde; o acido dá-lhe uma côr avermelhada.

A violeta tambem fornece ao tintureiro uma bella côr de azul purpureo.

Em todos os tempos foi esta flor o emblema da modestia, do pudor, e da innocencia. Em muitos paizes adornam com ella a campa das virgens.

Na linguagem das flores, a violeta branca designa especialmente a innocencia; a amarella, a belleza que se fanou; a violeta dobrada, a amisade reciproca; um ramilhete de violetas, cercado das suas folhas, quer dizer — amor occulto.»

Fazer bem a quem nos faz bem, é gratidão: mal a quem nos faz mal, é vingança: bem a quem nos faz mal, é virtude: mal a quem nos faz bem, é perversidade.

Publicou-se o 3.^o volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.